

## CARTOGRAFIA DAS TÁBUAS DA SEXUAÇÃO

### CARTOGRAPHY OF THE SEXUATION TABLES

Nathan Barbosa da Silva<sup>1</sup>

Sônia Borges<sup>2</sup>

*Recebido em 01 de agosto de 2025*

*Aprovado em 06 de novembro de 2025*

#### RESUMO

A partir de uma revisão bibliográfica, o presente artigo propõe uma exposição das tábuas da sexuação formuladas por Jacques Lacan, com o objetivo de examinar os modos de inscrição da diferença sexual, as modalidades de gozo e a lógica do não-todo, cujas implicações se estendem às críticas da Teoria Queer. A justificativa para este estudo baseia-se na necessidade premente de refletir a teoria da sexuação lacaniana em diálogo com as discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade, que questionam as concepções binárias e normativas do sexo e da identidade. Para tanto, são discutidas as influências filosóficas e lógicas que sustentam a formalização lacaniana, bem como os desdobramentos clínicos das fórmulas da sexuação. O texto também analisa a distinção entre os modos de gozo fálico e suplementar, abordando suas implicações para a construção do sujeito. Por fim, considera as críticas feministas e pós-estruturalistas à teoria lacaniana, ressaltando a importância de um debate ético e clínico com as categorias de gênero e diferença sexual.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Gênero. Sexualidade.

#### ABSTRACT

Based on a literature review, this article aims to present the sexuation tables formulated by Jacques Lacan, with the goal of examining the modes of inscription of sexual difference, the modalities of jouissance, and the not-all logic, whose implications extend to the critiques of Queer Theory. The justification for this study is based on the urgent need to reflect on Lacanian sexuation theory in dialogue with contemporary discussions on gender and sexuality, which question binary and normative conceptions of sex and identity. To this end, the philosophical and logical influences underpinning Lacan's formalization are discussed, as well as the clinical developments of the sexuation formulas. The text also analyzes the distinction between the phallic and supplementary modes of jouissance, addressing their implications for the construction of the subject. Finally, feminist and post-structuralist critiques of Lacanian theory are considered, highlighting the importance of an ethical and clinical debate on the categories of gender and sexual difference.

**Keywords:** Psychoanalysis. Gender. Sexuality.

<sup>1</sup> Psicólogo, Pós-graduado em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional, Mestrando do Programa de Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida, Pesquisador CAPES. E-mail: [nathanbsilval@gmail.com](mailto:nathanbsilval@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Goiás, Especialização em Psicologia da Educação pela Universidade Federal de Goiás, Mestrado em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas, Doutorado em Psicologia da Educação pela PUC/SP.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a oferecer uma exposição das tábuas da sexuação formuladas por Jacques Lacan, com o objetivo de investigar os modos de inscrição da diferença sexual e as modalidades de gozo que permeiam essas proposições. Busca-se apresentar as implicações teóricas das fórmulas lacanianas e engajar uma reflexão sobre suas repercussões nas discussões contemporâneas acerca da sexualidade e da identidade de gênero.

No que concerne à metodologia, os autores recorrem à dialética entre as proposições de Lacan e as críticas formuladas por outras correntes teóricas, como a de Judith Butler, para problematizar a relação entre o sujeito e a diferença sexual.

A justificativa para este estudo repousa na necessidade urgente de encadear as teorias da sexuação lacaniana à luz das discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade, que têm desafiado as noções binárias e normativas do sexo e da identidade. As fórmulas de Lacan, apesar de profundamente influentes na psicanálise e na filosofia, ainda permanecem um ponto de tensão, especialmente quando confrontadas com as propostas de teóricas contemporâneas como Judith Butler e Paul Preciado, que questionam os pressupostos essenciais das divisões entre os sexos e suas implicações normativas.

A organização das tábuas da sexuação apresentadas nesta pesquisa busca uma articulação pragmática, em que os símbolos e sua correspondência com a epistemologia de origem são detalhadamente dispostos, sendo estes analisados à luz da teorização lacaniana. Em especial, a distinção entre os modos de gozo fálico e suplementar é tratada com ênfase em suas implicações para a construção do sujeito, levando em consideração as críticas feministas e pós-estruturalistas que questionam a adequação dessas fórmulas ao entendimento contemporâneo da sexualidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### As Origens da Formalização Lacaniana

Lacan recorre à matemática e à filosofia para extrair os elementos e símbolos que constituem as fórmulas da sexuação. A lógica empregada nas tábuas deriva da tradição proposicional aristotélica, que desenvolveu o quadrado lógico. Em seguida, Boécio e Apuleio desenvolveram os conceitos relativos ao quadrado. Por fim, estabeleceu-se a

lógica de predicados, desenvolvida por autores como Peirce e Frege (Ferreira, 2016). No entanto, como é característico de Lacan, trata-se de uma apropriação crítica e subversiva dessa tradição. Por isso, compreende-se que a teoria lacaniana não pode ser entendida diretamente a partir desses autores.

Na tabela abaixo, apresenta-se a relação dos elementos que serão aplicados às fórmulas da sexuação, com seus respectivos símbolos, bem como o significado na sua epistemologia de origem e a leitura correspondente em Lacan.

**Tabela 1 - Relação dos elementos aplicados às fórmulas da sexuação**

<b>Elemento</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Significado na lógica formal</b>	<b>Leitura em Lacan</b>
<b>Quantificador universal</b>	$\forall$	Indica que a propriedade vale para todos os elementos do conjunto	Para todo
<b>Quantificador existencial</b>	$\exists$	Indica que existe pelo menos um elemento que se aplica à propriedade	Ao menos um
<b>Variável</b>	$x$	Elemento sobre o qual se aplica o quantificador	Sujeito
<b>Predicado</b>	$\Phi$	Propriedade ou condição atribuída à variável	Submetido à ordem fálica. $\Phi$ = falo
<b>Conectivo lógico da Negação</b>	--	Negação da propriedade	não / não-toda
<b>Conectivo lógico da Implicação</b>	$\rightarrow$	Relação de dependência	Implica formas de gozo

Fonte: elaboração própria

**Leitura Tábuas da Sexuação de Lacan**

As presentes articulações apoiam-se, principalmente, no *Seminário 20: Mais, ainda* (Lacan, 1972-73/2008), momento em que o autor formaliza sua proposta de ensino sobre a diferença sexual com as tábuas que aqui serão trabalhadas. A elaboração lacaniana sobre a diferença sexual, no entanto, é uma construção teórica que perpassa toda a teoria, principalmente a partir do *Seminário 18* (Lacan, 1971/2009).

A tabela abaixo qualificada inclui as duas tábuas da sexuação apresentadas por Lacan no texto *Letras de uma carta de almor* (1973/2008), havendo acréscimo da primeira linha e da primeira coluna. Tais acréscimos se justificam para fins didáticos, sendo indispensáveis na representação organizada deste campo teórico.

**Tabela 2 - Reprodução da tábua da sexuação de Lacan, com acréscimo das linhas lado e estrutura lógica**

Lado	Homem	Mulher
Particular	$\exists x \neg \Phi x$ Existe ao menos um sujeito que não está submetido à ordem fálica	$\neg \exists x \neg \Phi x$ Não existe um sujeito que não esteja submetido à ordem fálica
	$\forall x \Phi x$ Para todo sujeito opera a ordem fálica	$\neg \forall x \Phi x$ Não-todo sujeito está submetido à ordem fálica.
Modalidades de gozo	$\$$ $\Phi$	$S(A)$ Gozo Outro $\alpha$ $\bar{A}$ mulher
Estrutura lógica	Todo fálico	Não-todo fálico

Fonte: elaboração própria

Ao dispor as fórmulas, Lacan (1973/2008) propõe duas inversões relativas ao quadrado das oposições: em vez de a exceção estar subordinada ao universal, é o universal que é fundado pela exceção. A segunda modificação concerne à disjunção entre a proposição e o conectivo lógico da negação, que, no quadrado das oposições, requer uma proposição afirmativa e uma negativa. Isto significa que, com Lacan, é possível que ambos os predicados das proposições particulares sejam negativos.

A leitura da primeira fórmula à esquerda ( $\exists x \neg \Phi x$ ) se apresenta caracterizada pelo quantificador existencial e pela negação do predicado, isto é, a função fálica ( $\neg \Phi x$ ). Este é o ponto que estabelece a regra: existe ao menos um sujeito que não está submetido à ordem

fálica. Lacan se serve do mito freudiano de *Totem e Tabu* (Freud, 1912-13/2012), remetendo a exceção deste predicado ao “pai da horda”. Trata-se da figura mítica que determina o campo do gozo fálico por estabelecer ao conjunto universal abaixo uma tentativa de restituição desse lugar.

As expressões dessa tentativa de restituição do falo, no entanto, podem ocorrer de diversas maneiras. Não raro, testemunha-se na clínica o pai mítico convocado pelo sujeito enquanto uma idealização que subjaz à inerente falha estrutural do pai e da mãe da realidade. Vê-se a suplência por uma figura sem furos, onipotente para garantir algo que, por não estar submetido à ordem fálica, também o garanta fora da castração.

A universalidade do lado masculino funda-se, portanto, na submissão à ordem fálica ( $\forall x \Phi x$ ): para todo sujeito opera o ordenamento fálico. Ainda nessas tentativas de suplantar a castração, Soler (2005) observa que o homem se assegura como tal por meio de uma apropriação fálica, isto é, ao tomar os objetos que constituem valor fálico – objetos amorosos, gadgets da ciência etc. Institui-se uma busca incessante por completude, estruturada em torno da tensão entre o significante da falta e aquilo que pode cumprir sua função materializada. Esta é a lógica fálica que define o modo de gozo característico do lado masculino: o gozo fálico.

O falo, no entanto, é um significante que não tem significado, fazendo com que qualquer tarefa de materialização não passe de uma aparência de ser. Para dar conta dessa relação com o objeto da falta, Lacan designa um conceito que reserva sua propriedade infável, isto é, que escapa à linguagem. Trata-se do objeto *a*, conforme a disposição da modalidade de gozo fálico da tábua ( $\$ \rightarrow a$ ), e que implica a estrutura da fantasia ( $\$ \diamond a$ ). Segundo Lacan, é isto que possibilita ao sujeito atingir o parceiro sexual, tomando-o como causa de desejo.

Essa articulação sobre a fantasia pode ser ilustrada pelo caso clínico de Ernst Lanzer, que está dividido entre duas mulheres: uma rica e outra pobre. Para isso, será necessária uma breve restituição do caso. Freud recebe o Homem dos Ratos em 1º de outubro de 1907, relatando que Ernst Lanzer foi o primeiro filho homem e, já aos três anos de idade, presenciou seu primeiro luto devido à morte de sua irmã Camilla, que tinha 9 anos à época. Segundo Freud (1909/2013), esse fato desempenhou um papel importante em seu adoecimento, uma vez que, neste período, incorrera numa conduta à qual seu pai reagiu com uma surra. A partir de então, nas próprias palavras de Freud, ele fixou um papel de

“estragador do prazer sexual” (Freud, 1909/2023, p.35). Desta época fica um primeiro vaticínio emitido pelo pai: o de que a criança seria um grande homem ou um criminoso.

A impressão dessa cena figura com peso na história do Homem dos Ratos, pois é dela que, ante a magnitude de seus xingamentos contra o pai, dará ao sentimento de raiva uma saída pela covardia e pelo medo, que se repetirão na decisão pela escolha de sua amada, cuja trama o pai está enredado de muitas maneiras, pois, segundo Freud (1909, p.51), “na repressão do ódio infantil ao pai enxergamos o evento que impeliu tudo o que sucedeu depois para o âmbito da neurose”.

Dessa forma, as reações patológicas do paciente, expressadas muitas vezes por uma ambivalência afetiva, possuem uma forte identificação com a história amorosa do pai, que também tinha o enredo pela escolha de duas mulheres: uma rica e outra pobre. O pai, por sua vez, escolheu a mulher rica, sua mãe. Esta ambivalência ganha vias de expressão porque “aquele cuja necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade se voltará para toda pessoa nova com expectativas libidinais”, colocando-o numa das séries características do modelo como conduz sua vida amorosa. Para Freud, novamente o papel da fantasia ganha importância, na medida em que apenas uma parte desse impulso libidinal está dirigida para a realidade, compondo uma porção da consciência, mas outra parte desses impulsos está fora, permanecendo inconsciente ou podendo expandir-se apenas na fantasia.

Sendo assim, na história de Lanzer, de um lado estava a mulher rica, aprovada por seus pais a partir dos atributos fálicos privilegiados por eles; e, de outro, a pobre, destituída dos atributos fálicos nos termos dados pelos seus pais. O impasse amoroso revela a estrutura da fantasia: a mulher rica simboliza a completude prometida pelo ordenamento fálico, que lhe cai como uma herança dos pais; a mulher pobre, por sua vez, representa uma “riqueza de outro bem”, como descreve Lacan. Dessa forma, a escolha amorosa ganha nuances que incluem a posição fantasmática do sujeito, numa economia libidinal que pode subverter a lógica de atributos fálicos para instaurar uma equação singular.

Observa-se, portanto, um adoecimento que envolve a impossibilidade de satisfazer sua libido junto ao seu objeto amoroso. Afinal, por ser impedido de concretizar sua escolha amorosa, a sobredeterminação de acontecimentos relativos à oposição entre o desejo de sua família e o seu próprio desejo culminou na expressão de diversos sentimentos conflitantes, de tal forma que “o amor ao qual é negada a satisfação torna-se facilmente ódio” (Freud, 1909/2013, p.51). Neste curto-circuito libidinal, os sentimentos contrários passam a

coexistir numa disputa cuja tarefa é reprimir seu oponente. Amor e ódio se apresentam no suprasumo de seu fator negativo, ao qual Freud representa com um comentário de Alcibíades a respeito de Sócrates: “Frequentemente desejo não mais vê-lo entre os vivos. Se isso ocorresse, porém, sei que seria ainda mais infeliz”. Neste paradoxo se estrutura o ponto de partida que findará na proposta do matema da fantasia observado na tábua da sexuação.

Fenômenos contemporâneos como as “IAs do job” estabelecem uma relação com outra expressão do gozo fálico. Trata-se de mulheres feitas por programas de inteligência artificial e que, conforme um dos mentores de cursos voltados à produção dessas figuras, são criadas para satisfazer um imaginário masculino específico: o provedor. Frequentemente ambientadas em cenários de pobreza e ingenuidade, essas imagens femininas são programadas para “ativar desejos que os homens nem sabem que têm”, conforme diz a matéria publicada no G1 (Helder, 2025). Enquanto a pobreza material é debelada pelo homem provido dos objetos de consumo, a ingenuidade conclama um homem ardil e, claro, muitos acreditam sê-lo. Em que medida esse teatro é uma atuação malograda do pai mítico, restando senão um simulacro que o atributo fálico lhe garante?

Neste passo a mais na cartografia das tábuas, convém articular o arranjo entre a fantasia e o semblante. Isso porque Lacan afirma que o gozo só se constitui a partir do semblante, sendo este inseparável da aparência. **“Se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se ao objeto a, é também do mesmo modo à aparência de ser que ele se dirige. Não devemos encontrar aí um indício do imaginário? Ele não é senão a vestimenta da imagem de si”** (Lacan, 1973/2008, p.99).

Dessa forma, para o \$ atingir o parceiro sexual a partir de sua fantasia, do outro lado é preciso que o **a** esteja na vestimenta compossível dessa fantasia — mas há uma complicação. Lacan (1972-73/2008, p.129) adverte que não se deve crer que seja a outra parte que suporta o semblante, tampouco que alguém seja um semblante. Na verdade, ocasionalmente se ocupa o seu lugar e, ao pôr o objeto **a** no lugar do semblante, fica “na posição mais conveniente para fazer o que é justo fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade”. Ali se dá o discurso do analista, o único que se anuncia a partir do reconhecimento da outra parte enquanto sujeito de desejo.

Seria esta a equação que torna possível falar de amor? Para Lacan, no discurso analítico não se faz outra coisa senão falar de amor, pois é por este discurso que o sujeito se manifesta em sua hiância.

Ainda em relação ao falo, na parte esquerda da tábua, observa-se uma conjugação com *A* mulher ( $\Phi \leftarrow A$ ). Isto significa que o imperativo da ordem fálica não é exclusivo do lado masculino. Também na parte feminina, a lógica fálica se apresenta como uma modalidade de gozo, mas articulada de modo distinto. A distinção se define pela posição não-toda perante o gozo fálico. O que, neste, é obstáculo pelo qual a parte homem não chega a gozar do corpo da parte mulher — será que, do outro lado, algo pode ser atingido?

A fórmula universal feminina ( $\neg \forall x \Phi x$ ) implica que não-toda mulher está submetida à ordem fálica. Aqui há uma negação do quantificador universal, sendo este o indicativo de um regime de gozo em que o sujeito não está todo submetido à lógica fálica, podendo ter acesso a outro gozo que é sem o imperativo daquele objeto da fantasia que se impõe no gozo fálico.

Mas que gozo outro  $S(A)$  seria esse, então? Lacan responde que esse gozo suplementar é algo da ordem do infinito, sendo impossível dizer que existe *A Mulher* a partir de sua modalidade de gozo. Isto é radicalmente diferente da circunscrição do gozo fálico, que permite dizer o que é um homem.

Com isso, o autor faz aproximações entre o gozo suplementar e seu conceito de Outro, recorrendo ao Deus de Aristóteles para isso. Trata-se de um Deus que seria o dito primeiro motor que move os demais motores do universo. Esse deus aristotélico se mostra como uma instância de totalidade do bem. É um ser supremo, puro, ao mesmo tempo em que esse mesmo Deus estaria fora do conjunto — tal qual *A* mulher. Então Lacan mais uma vez subverte o Deus aristotélico para propor que, se existe algum resto desse Deus enquanto fora do conjunto, é o gozo suplementar. Por isso ele diz: “é na medida em que seu gozo [feminino] é radicalmente Outro que a mulher tem mais relação com Deus do que tudo o que se pôde dizer” (Lacan, 1972-73/2008, p.89).

Lacan (1973/2008, p.111), no entanto, termina a lição com um enigma que aponta para a mulher sem a barra do *A*:

Se vocês lerem em algum lugar essa coisa que escrevi com o nome de *A* coisa freudiana, entendam isto ali, que só há uma maneira de poder escrever a mulher, sem ter que barrar o *a* — é no nível em que, a mulher, é a verdade. É por isso que só podemos semi-dizê-la.

### **Contra-Crítica à Luz da Binariedade e Cisnormatividade**

Lacan apresenta a divisão das tábuas colocando o lado masculino à esquerda, ressaltando que não há nenhum motivo conceitual para isso. Afirma, isto sim, que qualquer

ser falante se inscreve em um dos lados, trazendo à luz um importante rompimento com a lógica cisnormativa. O autor declara que “a todo ser falante é permitido, qualquer que ele seja, quer seja ou não provido de atributos da masculinidade, inscrever-se nessa parte”, referindo-se ao lado mulher.

Entretanto, a crítica mais persistente é a de que as tábuas implicam uma redução binária dos sexos, o que exige uma consideração mais ampla. Tal crítica só pode ser respondida à luz do conjunto da obra. Christian Dunker e Rafael Cossi (2017a), por exemplo, observam que a teoria da sexuação não se reduz às fórmulas que a estruturam formalmente. É necessário recorrer a conceitos como semblante e fantasia para articular, por exemplo, a fórmula da impossibilidade da relação sexual — “não há relação sexual” —, que desfaz a suposição de um par ordenado entre os sexos. A proposta lacaniana não consiste em estabelecer dois termos em complementaridade binária, mas, ao contrário, em reconhecer a impossibilidade mesma de constituir o “um” ou o “dois” plenos.

Apesar dessas elaborações, é indispensável levar em consideração as críticas formuladas por Judith Butler e outras teóricas. Também merecem atenção as críticas internas ao campo psicanalítico, como as de Marcus Teixeira, diretor da editora Álgama e membro da Escola do Campo Psicanalítico de Salvador. Em artigo, Teixeira (2016) afirma haver uma discordância estrutural entre a teoria psicanalítica da sexuação e as concepções de gênero, sustentando que a noção de gênero busca desvendar uma realidade opressora vinculada ao sexo, enquanto a psicanálise não legisla sobre formas de gozo nem defende valores morais, mas se orienta pelo real da clínica. Segundo esse autor, a psicanálise não substitui seus conceitos pelos jargões dos movimentos ideológicos.

Não obstante, o autor defende a tese de que Butler se detém nas formulações do primeiro ensino de Lacan, desconsiderando os desenvolvimentos posteriores. Parte dessas críticas foi respondida por Dunker e Rafael Cossi no artigo “Psicanálise sem gênero?” (2017b), onde observam no crítico a sua própria acusação: Teixeira estaria reduzindo a sexuação às fórmulas das tábuas, sem nenhuma paridade nos discursos que é base para as categorias de semblantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre Lacan e as críticas da Teoria Queer oferece uma reflexão que demarca um diálogo indissociável do campo psicanalítico com o debate contemporâneo sobre gênero. Isso significa que a teoria da sexuação não se apresenta como uma resposta

definitiva, mas como um convite ao entendimento de que seria um contrassenso conceitual apresentá-la enquanto um dispositivo binário dos gêneros. Sustenta-se, isto sim, que a teoria lacaniana se norteia pela impossibilidade de uma complementariedade binária, restando senão o semblante. Nessa visada, a teoria Queer contribui sobremaneira ao aprofundamento da escuta clínica e à construção de um olhar ético e atento às questões que perpassam as experiências de gênero e identidade no contexto atual.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COSSI, R. K.; DUNKER, C. I. L. Psicanálise sem gênero? 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/367472550/Christian-Dunker-Rafael-Cossi-Psicanalise-se-m-genero>. Acesso em: 28 nov. 2017.

DUNKER, C. I. L.; COSSI, R. A diferença sexual de Butler a Lacan. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.33, p.1-8, 2017.

FERREIRA, R. R. Peirce, Frege, Russell e o surgimento da predicação lógica contemporânea. **Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v.8, n.17, p.115-135, 2016. Edição especial.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. v.9. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.10-85.

FREUD, S. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. In: FREUD, S. **Totem e tabu: contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HELDER, D. Cursos de ‘IA do job’ têm promessa de dinheiro fácil e até incentivo a usar fotos sem autorização. **G1**, São Paulo, 29 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/03/29/cursos-de-ia-do-job-tem-promessa-de-dinheiro-facil-e-ate-incentivo-a-usar-fotos-sem-autorizacao.ghtml>. Acesso em: set. 2025.

LACAN, J. **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TEIXEIRA, M. Teoria do gênero e psicanálise. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v.11, n.22, p.68-77, mai./out. 2016.

Acesso geral: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila>  
Licença Copyleft: Atribuição-UsO não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

